

# O governo evita comentar as críticas do Banco Mundial

Surpresa e desencanto. Estas foram as palavras mais usadas por técnicos do governo para expressar a reação dos gabinetes oficiais da área econômica às declarações do presidente do Banco Mundial (Bird), **Barber Conable**, indicando que o Brasil está improvisando em política econômica e precisa de um programa de ajuste digno de crédito para reivindicar um maior acesso ao fluxo de recursos externos.

Embora o chefe da Assessoria Internacional do Ministério do Planejamento, embaixador Luiz Felipe Lampreia, se tenha recusado a comentar o assunto com os jornalistas, alegando "falta de tempo", seu gesto foi interpretado como uma "tentativa de evitar lançar lenha na fogueira para não azedar as relações" entre o Brasil e a única instituição que, a despeito da moratória,

manifestou interesse em manter abertas as portas às negociações de novos créditos ao País.

A surpresa foi maior na Seplan, pois o Banco Mundial, um dia após a decretação da moratória, comunicou ao governo brasileiro sua disposição de continuar os entendimentos em torno dos projetos que poderiam receber financiamento da instituição no ano fiscal de julho de 1987 a junho de 1988. Tanto que, uma semana depois, o próprio chefe da Assessoria Econômica da Seplan, Francisco Luna, embarcou para Washington justamente para discutir o programa de investimentos do Bird ao Brasil, este ano, da ordem de US\$ 2,0 bilhões.

Além disso, os técnicos da área econômica que trabalham diretamente ligados à equipe de Conable lembram que, nos conta-

tos com autoridades brasileiras, inclusive quando esteve em Brasília, em setembro do ano passado, o presidente do Banco Mundial em nenhuma oportunidade, nem pública nem privadamente, fez qualquer observação crítica à falta de um programa econômico ou à improvisação do planejamento brasileiro.

Alguns admitiram que as declarações de Conable, feitas no contexto de um seminário promovido pelo Eximbank norte-americano, podem estar relacionadas com as pressões de Washington decorrentes da decisão brasileira de decretar uma moratória unilateral. Eles lembraram que o ministro Dílson Funaro, da Fazenda foi recebido com frieza na capital norte-americana, quando lá esteve no início da semana para explicar a atitude do governo brasileiro.